

# cor

*“O prazer da cor é de certo um prazer dos olhos; chega mesmo a sê-lo no mais alto grau. Mas na medida em que ele nasce do espetáculo da carne, exprime-se logo à primeira vista sob a forma de um desejo de tocar. Diante dos quadros dos grandes coloristas, o espectador tem a impressão que seus olhos são dedos”* Jaqueline Lichtenstein

As cores são ações e paixões da luz, dizia Goethe. Mas afinal, o que possibilita essa vinculação mágica entre luz e cor? Na verdade, luz e cor interrelacionam-se perfeitamente, ambas pertencem à natureza e, numa dimensão poética, desvelam o sentido da visão.

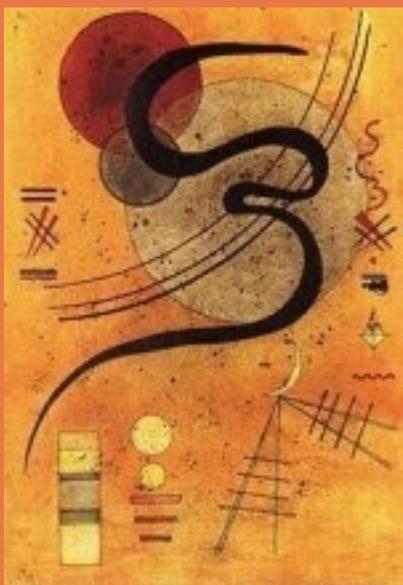
Como distinguimos as diferentes condições em que o fenômeno da cor acontece, como ele se apresenta? Ainda para Goethe, encontramos três formas de manifestação da cor, ou melhor, três concepções cromáticas particulares: as cores físicas, as cores fisiológicas e as cores químicas. As primeiras seriam passageiras, as segundas fugidias e as últimas teriam maior duração.

A cor, tanto no âmbito científico quanto no poético, consiste num intenso estímulo perceptivo. Parte da sensação produzida por ondas de luz nos cones e bastonetes da retina de diferentes comprimentos. No seu aspecto psicológico e emocional, pode suscitar reações, de calor, frio e revigorantes sensações de luz e espaço.

É difícil definir cor. Ela pode ser sistematizada como fizeram os teóricos do séc. XVIII e do início do séc. XX (entre eles Newman, Rood, Chevreul, Munsell, Oswald e mesmo Goethe). Sabe-se, entretanto, que tais abordagens não foram absolutas. Muitos são os fatores que relativizam a percepção e a produção das relações cromáticas. Certo é que as relações cromáticas impressionam a retina, constroem (espacial e simbolicamente) conceitos, expressam idéias, princípios e emoções.

As origens da pigmentação são diversas. A cor pode ser refletida através do vidro ou plástico colorido, criada ou alterada por fontes de luz na atmosfera. O simples fato de esfregar os olhos com força produz extraordinárias sensações cromáticas. Ao entrar-se num recinto vermelho, experimenta-se sensações físicas e emocionais diferentes dos provocados em um recinto azul. Portanto, as sensações provocadas pela cor nunca são o resultado de uma experiência única, pois a maioria das cores existe em relação com as demais.

É preciso perceber como o fenômeno da cor articula-se com a experiência da cor. Por vezes, o fenômeno em si torna-se progressivamente abstrato. O observador, ao ver uma flor vermelha, opera um conceito de “vermelho”. Tal conceito pode ser aplicado a outras tantas situações. O “branco” não seria mais luz, mas sim um conceito de luz, o preto não seria mais a ausência de luz, mas o conceito de “escuridão”, lembra G.C Argan. Nessa ótica, a filosofia da linguagem destaca que “cores são conceitos construídos”, pois estão sempre articuladas numa gramática que leva em conta os códigos de uma determinada cultura.



Wassily Kandinsky - Launelinie

Não há um único método para avaliar cor. Um aspecto a ser destacado é que o meio, escala e tamanho em que a qualidade cromática foi produzida, desempenham papel fundamental (as reproduções não podem levar esse fator em consideração). Nossa percepção visual quase nunca vê uma cor como ela é fisicamente. A cor é um dos recursos gráficos mais relativos. Uma mesma cor pode evocar inúmeras leituras. Assim, em vez de aplicar mecanicamente leis de harmonias cromática, deve-se produzir efeitos definidos através da apresentação e da interação cromática, mostrando por ex. que duas cores muito semelhantes pareçam diferentes em contextos específicos.

As cores se apresentam dentro de um fluxo contínuo, constantemente relacionadas com condições específicas. Isto demonstra que, para a leitura e aplicação da cor, interessa-nos explorar os efeitos de interação entre elas.

Ao descrever cores, em geral, apropriamo-nos de analogias: amarelo “ácido”, marrom “quente”, cinza “tépido”, laranja berrante. Assim, quando falamos em cor, também estamos falando de tato, gosto, som e temperatura. Em toda sua existência e história, o homem associou cor às suas alegrias, suas ações, seus prazeres e seus ritos.

A cor pode servir a vários objetivos. Como linguagem em produções visuais, as soluções cromáticas constituem objeto de manipulação e produção de significado. No sentido mimético, a cor pode ser usada para simular realidades visíveis, a “cor das coisas” ou as “luzes da paisagem”. No espaço bidimensional e tridimensional a qualidade cromática expressa conceitos, define espaços e cria representações.

Mas o que nos reserva a linguagem das cores? Qual a mágica relação entre cor e visibilidade? O certo é que na sua dimensão perceptiva, expressiva ou construtiva, a cor faz parte de nossas vidas.



Seurat - Grande Jatte

As cores também são manufaturadas e a ciência dos pigmentos, matizes e corantes possui uma antiga e fascinante história. Na parede das cavernas, homens desenhavam com carvão e esfrelavam blocos de terra para colorir. Espalhavam os pigmentos com buchas de peles ou folhas ou fixavam pigmentos soprando através de tubos de ossos. Esses primeiros pintores usavam toda a superfície das rochas. Tais imagens resistem a milhares de anos nas paredes e tetos desses lugares sagrados.

Por muito tempo a pintura foi o grande veículo de disseminação cromática. Ainda na idade média artistas pintavam painéis de madeira articulados preparados com cola e gesso: os retábulos. No séc. XV o pintor Van Eyck descobre a tinta a óleo (ele misturava aos pigmentos um pouco de óleo e alguma essência vegetal) trazendo brilho e luminosidade para a pintura.

Foram as tintas em tubos que permitiram aos artistas pintar realmente no meio da natureza. Sem as tintas em tubos, não haveria Cézanne, nem Monet, Renoir, nem Pissarro, nem o que os historiadores chamariam de Impressionismo.

O impressionismo conquistou a pintura ao ar livre, descobriu a luz solar: a pintura tonal se esvai para dar lugar à descoberta fascinante dos contrastes diretos de cor. As cores são descobertas na sua pureza e os artistas percebem que, sempre carregadas de luz, exprimem o contraste de diferentes tonalidades. Outra descoberta sensacional foi a de que as sombras não são absolutas, mas sim, dadas pela cor. A transformação do mundo visível em cores representa o esforço mais revolucionário, para superação dos pressupostos naturalistas, para libertar pintura da imitação da natureza.



*Claude Monet -  
Waterlilies, Green Reflection*



*Van Gogh - Noite Estrelada*

Os expressionistas tentaram a liberdade na tela através do explosivo poder da cor pura. Eles pretendiam deixar que a cor se expandisse conforme as leis da própria emoção criadora. Essa vontade figuradora era guiada ou determinada pela cor, base da expressão. Buscavam uma cor não natural, agressiva, audaciosa, acompanhada de um desenho aparentemente pesado. Eles reagiram contra os parâmetros do impressionismo.

No Fauvismo, a base estrutural continua sendo a cor. Matisse, o grande colorista dizia: “Tenho um grande amor pela cor pura, clara e explosiva e fico sempre surpreso quando vejo a beleza das cores maculada e sujada sem necessidade”. O sentimento da cor em Matisse significa a inteligência de uma lógica da cor pura, de uma ordem das sensações. A Pop Art inverte os valores, evidencia os procedimentos de reprodução mecânica. A cor plana, intensa, tem força, é intencionalmente associada a figuras, ícones, tendo em vista o princípio da serialidade. Aqui, evidencia-se a superfície e não a profundidade tonal.

No final do séc XX, a cor se expande em campos de abstração, comemorando o fato plástico, a transparência, a intensidade cromática impregnada na matéria pictórica. A expressividade marcada nas superfícies evoca, em suas tonalidades, sentimentos, imagens e situações. A pintura contemporânea faz um elogio à visualidade... é o elogio do próprio ato pictórico, que, por vezes, nos limites dados pelas transparências, reduz a cor ao mínimo necessário. Seguidora de uma ordem construtiva, a pintura buscou com rigor a forma da pura dinâmica cromática.

A partir do advento das técnicas de reprodução, a diversidade das cores conquista os grandes veículos da comunicação visual: a fotografia, o jornal, o cinema, a televisão

Os tons puros escapam dos quadros e vão se inscrever nos cartazes, nas vitrines, à beira das estradas, na sinalização.

A cor torna-se livre. Gera uma realidade em si mesma.

Tem uma ação nova e completamente independente dos objetos que, antes dessa época, estavam encarregados de contê-la ou portá-la.

---

## ***Design Gráfico***

Operando em sintonia com a indústria e a ciência, o designer usa a cor de modo objetivo.

Integra conceito e tecnologias. A cor torna-se uma importante ferramenta para o designer gráfico, seja no modelo aditivo ou no subtrativo.

Em produtos gráficos, a informação cromática pode direcionar o olhar do observador, integrar ou fragmentar áreas de um projeto. Estudos mostram que o cérebro humano tende a ligar áreas coloridas de uma maneira previsível e memorizar, com maior facilidade, áreas em destaque cromático. Campos de uma mesma cor são identificados com o mesmo nível de importância. Assim, ao selecionar e posicionar cuidadosamente as cores em uma página, por e x., pode-se organizar informações e guiar os usuários. Consegue-se agrupar com êxito informações cujas relações não seriam tão explícitas;

A cor pode não só atrair a atenção o observador, como mantê-lo por mais tempo num determinado ambiente. Pode, ainda, criar um ânimo geral para o conjunto de uma página impressa ou digital.

Reforçar a identidade de projetos, que se desdobram em diferentes aplicações, também é um importante recurso

cromático. Diferentes instrumentos, tais como discos, escalas e sólidos de cor podem apoiar os processos de decisão para o designer. São formas e estratégias que permitem a visualização e a seleção de diferentes relações cromáticas tendo em vista os objetivos, o potencial técnico e as possibilidades estéticas de um determinado projeto.

No seu aspecto funcional, a cor deve ser planejada segundo parâmetros ergonômicos. Por exemplo, um objeto que se utiliza constantemente deverá evitar excesso de saturação e contrastes, evitando o desconforto visual.

A relação cor/ materialidade também é fundamental: as cores se modificam em relação aos materiais. Algumas não se adaptam a certos meios. Papel, plástico, borracha. Por vezes uma certa cor sobreposta a um determinado material pode parecer arbitrária e privar o objeto de naturalidade. Nesses casos, testes com amostragens são de grande utilidade.

A ação da cor é múltipla. Seja ela expressa na sua forma plana, saturada, tonal, mesclada, impressa, reticulada, projetada ou queimada. Para o projetista o mais importante é integrar conceito à tecnologia.

---

*“Há uma constatação visual da interação de uma cor com outra, a uma consciência da interdependência da cor com a forma, e a vinculação com a quantidade, a qualidade (intensidade luminosa e/ ou tonalidade) e com acentuação (intensidade)” J. Albers*



*Design:  
Francisco Homem de Melo,  
Eliana Troia*